



MIGRAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA: INTERAÇÕES E USO DE MARCADORES DISCURSIVOS

Pierre George François Guisan (*in memoriam*) (UFRJ)

Maria Ivone Alves da Silva (UFRR)

Resumo: A apresentação da discussão no texto perpassa pelo contato de povos em situação de fronteira, em contexto migratório, observando as interações emergidas do contato e considerando o uso dos marcadores discursivos por falantes de Português L1 e Português L2, sob a perspectiva da Ecolinguística, especificamente a Linguística Ecosistêmica, vista em Couto (2007a, 2009b, 2013, 2015, 2018). Os marcadores discursivos mais usados em português L1 também emergem nas interações dos falantes de português L2. O mais emergente entre eles está o *né?* que aparece em todas as interações realizadas no grupo observado. Exatamente, por isso, podemos dizer que o uso dos marcadores aponta para uma possível comunidade discursiva em desenvolvimento.

Palavras-chave: Migração; Fronteira Brasil-Venezuela; Interações; Marcadores discursivos.

Abstract: The presentation of the discussion in the text goes through the contact of peoples in border situations, in a migratory context, observing the interactions emerged from the contact and considering the use of discursive markers by speakers of Portuguese L1 and Portuguese L2, from an Ecolinguistics perspective, specifically an Ecosystemic Linguistics, seen in Couto (2007a, 2009a, 2013, 2015, 2018). The most used discursive markers in L1 Portuguese also emerge in the interactions of L2 Portuguese speakers. The most emerging among them is *né?* which appears in all interactions carried out in the observed group. Exactly, for this reason, we can say that the use of markers points to a possible discursive community in development.

Keywords: Migration. Brazil-Venezuela border. Interactions. Discursive markers.

1 Introdução

A criação dos estados nacionais e a relação das línguas com este advento perpassa pela ideia da língua com função ideológica. Na perspectiva de Guisan (2009b), se isto não tivesse ocorrido “teria sido difícil criar um mapa limpo e cartesiano da distribuição dos idiomas”. Neste sentido o pesquisador diz ainda que, “mais do que uma linha, a fronteira pode ser uma faixa de transição e de mescla de pessoas, de línguas.”

Nesta concepção de fronteira como espaço privilegiado de encontro de povos, e considerando que o Brasil faz fronteira com praticamente toda a América do Sul – com exceção de dois países (Chile e Equador) –, e que a maior parte dessas fronteiras são com países de origem colonial espanhola – dentre eles a Venezuela –, tem-se nesse ambiente um lugar propício para o estudo de línguas em contato, onde podem ser notadas ocorrências de mudanças linguísticas que caracterizam o atual cenário das interações entre os indivíduos na região de fronteira Brasil-Venezuela.

Nosso contato com essa região de fronteira se deu em 1995 e desde então temos observado as mudanças provocadas pelas políticas nacionais – acima de tudo as políticas econômicas –, que interferem de forma direta no fluxo de pessoas, bens e serviços na região.

Dadas as inter-relações que se dão em função de uma contextualização histórica, social e econômica dos membros da rede que vivem na região, e considerando estudos realizados conforme Silva (2012), identificou-se que os principais fatores que influenciavam a construção do *ethos* desses indivíduos encontravam-se dentro de uma rede de contato, formada na região de fronteira estudada durante o contato dos povos brasileiro e venezuelano. Em trabalho posterior, Silva (2019) descreveu as situações de contatos entre os povos brasileiro e venezuelano. Por último temos o trabalho de tese doutoral Silva (2021), em que se discutem as redes de contato de povos e línguas na Amazônia no contexto migratório venezuelano.

Sobre o contato de povos, Couto (2009, p. 49) comenta que a situação ideal seria “um povo, uma língua, um território”. No entanto, apesar de esse ser o ideal desejado, a realidade é bem diferente, em especial quando se consideram regiões de fronteira onde línguas mantêm contato, e geralmente línguas diferentes, como no exemplo ora estudado (português, espanhol e línguas indígenas), em dois territórios simultaneamente e em constante movimento, intensificado pela migração nos últimos anos.

Fato é que até chegarmos a classificar/definir a atual situação linguística dessa região, é necessário percebermos algumas ocorrências linguísticas durante as interações entre falantes da fronteira estudada, como é o caso dos marcadores discursivos. Assim, neste texto temos como objetivo perceber as nuances do uso dos marcadores discursivos nas interações entre falantes de português L1 e português L2.

2 (Eco)Linguística e interação

Os grupos de pessoas sempre se relacionaram, quer seja para estabelecer vínculos das mais diversas formas, quer seja para fixar domínios. Geralmente, essas relações se deram e ainda se dão como interações linguísticas. Em um caso ou em outro – em particular, em processos migratórios, cujos fluxos movimentam contingentes populacionais cada vez mais expressivos, pelos mais diversos motivos –, podem se dar, dependendo das circunstâncias, uma série de consequências, a começar pelo abandono da língua materna da população dominada, até a emergência de novas línguas.

Muitos pesquisadores, como Mühlhäusler (1986, 2003), Calvet (1999), Mufwene (2001, 2008) e Couto (2007a, 2009b), estenderam seus estudos para abordar o fenômeno do contato de línguas biológica e ecologicamente.

Aqui, destacamos a proposta de Couto (2009b), que apresenta um estudo ecológico do contato de línguas sob uma perspectiva da Ecologia Fundamental da Língua, enfatizando a importância da tríade P-L-T, povo (P), língua (L) e território (T), bem como das interações comunicativas e dos diferentes meios ambientes e seus respectivos ecossistemas (ecossistema mental, social e natural). Várias são as pesquisas desenvolvidas vislumbrando o estudo do contato de línguas gerando, em consequência, uma série de fenômenos linguísticos, como resultado da evolução, variação e mudança linguística em um determinado território. Esses fenômenos linguísticos, considerados macroprocessos, emergidos como resultado do contato de povos, acarretam como consequência a evolução linguística. Muitos trabalhos vêm sendo realizados com o fim de analisar essas situações e suas consequências, considerando tanto os tipos de contato entre pessoas vivendo em um mesmo ou diferentes territórios usando o mesmo ou diferentes códigos.

Dentre os principais estudos na literatura sobre o contato de línguas, tem-se a pesquisa de Gumperz (1971), que traz uma importante contribuição da perspectiva da sociolinguística interacional. Ele

apresenta, na obra *Discourses Strategies*¹, a comunidade de fala como “um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas e expectativas em relação ao uso da linguagem” e comunidade de discurso (GUMPERZ, 1971, p. 114). O autor acredita que a comunidade é “qualquer agregado humano caracterizado pela interação frequente e regular por meio de um corpo comum de signos verbais de agregados semelhantes por diferenças” (GUMPERZ, 1971, p. 42). Nessa interação, as pessoas que estão nesse ambiente de comunhão vivem compartilhando seu cotidiano e modo de vida nas inter-relações cotidianas.

Tem-se observado, em conformidade com Raso, Mello & Altenhofen (2011, p. 47), que nos contatos linguísticos parece existir uma disputa entre os falares das línguas em contato, que muitas vezes acontece como resultado de negociações entre as diferentes línguas e variedades que acabam se convertendo em querelas entre os grupos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis. Isso porque, ao contrário do que se pensava, o contexto multiétnico, multicultural e multilíngue é uma realidade predominante em todos lugares do mundo, sendo essa a regra e não a exceção; agora, porém, tal contexto está ainda mais adensado, por conta das novas tecnologias de comunicação e da globalização, estreitando cada vez mais as possibilidades e formas de contato de línguas no mundo.

Nesse aspecto, o trabalho de Mufwene (2001) é bastante elucidativo quando metaforicamente observa que as línguas se entrelaçam como se jogadas em uma grande piscina de traços, competindo mutuamente pelo espaço e, assim, acabam “sofrendo” arranhões umas das outras, sendo que nenhuma delas sai ilesa, como numa vitória de Pirro.

Um exemplo disso, foi o que aconteceu com o léxico da Língua Geral da Amazônia - LGA, que foi muito influenciou o português falado no Brasil, como se vê nas palavras *caatinga* (que em tupi significa *kaa+tinga* – mato branco); *embira* (em tupi, *mbira* – o descascado, o tirado da casca); *tapera* (*tab+era* – aldeia extinta, ruína, onde existiu uma povoação). Temos também o resultado do contato do português com as línguas africanas que permaneceram no léxico da culinária brasileira, como nas palavras *vatapá* (*vwatampa*); *quitute* (*((ki)tute*).

Mufwene trabalha com conceitos biológicos, principalmente da genética, como o ‘fundo de traços’ (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), o processo de competição e seleção, e a migração populacional. Nesta perspectiva biológica e da evolução, há um fundo de traços que funciona como o fundo genético. Esses traços estão em competição e os falantes selecionam os

¹ Estratégias discursivas.

que estão mais adaptados às mudanças ecológicas que venham a ocorrer. A partir do contato de idioletos é que os traços são selecionados naturalmente, sobrevivendo somente alguns que serão transmitidos por meio do contato interidioletal – do indivíduo para a comunidade.

Nesses processos de encontro de povos que falam línguas diferentes, como no caso das regiões fronteiriças, para se comunicar em um território, procuram interagir entre si por meio da língua, podendo emergir os mais diversos tipos de fenômenos. As ocorrências desses fenômenos constituem a base para as mudanças linguísticas, como acredita Couto (2007b, p. 291), que argumenta que toda mudança linguística se deve à situação de contato de línguas em alguma de suas diversas modalidades, considerando a situação política que originou o tipo de contato. Essas trocas linguísticas determinarão o futuro linguístico dos povos em contato em uma determinada região.

O estudo do contato de línguas também é estudado em situações em que povos se encontram em territórios próximos e até naqueles em que os territórios passam a ser compartilhados. Acrescente-se a isso o caso dos movimentos migratórios dos diferentes povos e etnias que ocorrem de forma mais intensa em regiões e comunidades fronteiriças. Como cada situação apresenta um caso específico de contato, é preciso olhar essas interações linguísticas considerando a heterogeneidade das línguas e a própria situação de contato.

Em Mufwene (2001), tem-se clareza sobre os estudos das línguas como entidades não homogêneas e se considera a variação estrutural como parte de ecologia interna, a natureza e a extensão da variação tipológica entre línguas em contato, bem como os padrões específicos de interação social que ocorrem durante o contato de línguas. Neste sentido, a Ecolinguística apresenta contribuições que podem dar conta dessas especificidades dos estudos de línguas em contato, principalmente porque ela se ocupa do estudo das relações entre língua e meio ambiente. Couto (2007a, 2009b, 2013) propõe o diagrama representando pelo triângulo povo, língua, território, que constitui ecossistema fundamental da língua², onde povo (P) representa a população; o território é T e os padrões de inter-relação correspondem língua (L).

Essa perspectiva de estudo aponta para a verificação dos fatores ecológicos que influenciam na evolução das línguas, processo esse que é perpassado pelo surgimento dos diversos tipos de fenômenos linguísticos. Nessa abordagem ecológica da evolução linguística, consideram-se os falantes das línguas em contato e todo o ambiente em que estão inseridos. Ou seja, o cenário de

² Ecossistema Integral da Língua.

interação dos falantes é descrito de forma que seja possível perceber as diferenças nas ecologias linguísticas. As interações linguísticas que se dão em um território contínuo e as inter-relações entre os habitantes caracterizam o ecossistema fundamental da língua (EFL), tido como comunidade (COUTO, 2011, p. 388), que é entendida como o ecossistema imediato em que a língua está inserida, o que significa que toda língua tem que se enquadrar nele (COUTO, 2007b, p. 92).

É preciso ressaltar que uma comunidade linguística é o conjunto de seres humanos que compartilham o mesmo espaço geográfico-social e o uso de uma mesma língua ou variedade linguística (CALVET, 2002, p. 154), caracterizando assim um ecossistema linguístico, como é o caso da comunidade de língua portuguesa que está composta por todos os países falantes de língua portuguesa nos diversos continentes. Já a comunidade de fala “inclui a língua juntamente com todos os padrões de uso linguístico locais” (COUTO, 2007b, p. 37).

Como se vê, é preciso diferenciar comunidade de fala de comunidade de língua. Um dos trabalhos que esclarecem esses conceitos de forma prática é o realizado por Couto (2011), no qual o pesquisador conclui que em Chuí (Brasil) - Chuy (Uruguai), por exemplo, existe uma comunidade de fala e duas comunidades de língua. Numa descrição dos fatores ecológicos, Couto (2011) afirma que, em função das interações cotidianas de todos os tipos e em função do território, existe uma maior interação “que nos autoriza a delimitá-lo como uma única comunidade de fala” (COUTO, 2011, p. 388).

Essa situação fronteiriça pode ser considerada uma única comunidade de fala porque “[...] os falantes geralmente não têm consciência se estão falando a língua A, B ou AB” (COUTO, 2011, p. 388). O que importa é que eles se entendem. De fato, em uma situação de interação em que os indivíduos estão permanentemente em contato frequente com outros que usam formas linguísticas distintas, com ou sem o uso das novas tecnologias comunicacionais, pode acontecer a mescla ou formas de um e outro código, afetando em vários níveis suas estruturas linguísticas, e com isso possibilitar o fomento, a evolução e inovações que podem provocar mudanças linguísticas (BASTARDAS I BOADA *apud* COUTO, 2016a, p. 337).

De forma mais clara, Couto (2016b) afirma que o ecossistema integral da língua, ou comunidade, pode ser encarado como comunidade de língua ou como comunidade de fala, conceitos que se definem um por comparação ao outro. Albuquerque (2020) faz uma análise dos conceitos de comunidade de fala, interação e pluricentrismo na língua estrangeira - LE.

Para este autor, a importância de se estudar a comunidade de fala na Ecolinguística se dá pelo fato de se conhecer melhor as interações que ocorrem dentro da comunidade, que são conhecidas como ecologia da interação comunicativa (EIC) em que ocorrem atos de interação comunicativa (AIC). Para Couto (2016b), os principais elementos da EIC são: cenário; falante e ouvinte; regras interacionais, regras sistêmicas e circunstantes.

Couto (2016b) afirma que as regras interacionais são elementos naturais e culturais básicos para que ocorra a comunhão e a interação indivíduo-indivíduo. Para Albuquerque (2020), a comunidade de fala é a interação, e a comunidade de língua se refere ao sistema linguístico, sendo na realidade uma abstração.

Seja como for certamente os indivíduos que se expõem as formas linguísticas distintas às suas a perceberão e (ainda que, frequentemente a partir da subconsciência) as ‘avaliarão’ quanto aos seus significados sociais, e decidirão adotá-las, modificá-las, ou simplesmente rechaçá-las. Essa avaliação sócio significativa dependerá de outros elementos presentes na situação, como por exemplo, o status socio econômico e/ou político adstrito às formas linguísticas, sua consideração simbólica, sua demografia, suas adesões ideológicas, etc. (BASTARDAS I BOADA, 2015, p. 8)

No de interação entre povos em contato, é preciso observar a influência provocada pela estrutura da população e do território de ambos povos, interferindo no uso da língua, mas sempre por intermédio do falante.

O discurso do sujeito pode ser modificado em função das trocas interacionais, principalmente numa zona fronteira, onde o movimento frenético e constante impulsiona a área econômica, conformando o espaço fronteiro num lugar receptivo às mudanças linguísticas, comportamentais e discursivas.

Couto (2021) afirma que foram encontradas ao todo um número de quinze regras interacionais, constituídas de elementos naturais e culturais básicos usados pelos falantes na interação indivíduo-indivíduo. Eis alguns exemplos: falante e ouvinte devem estar próximos; devem olhar um para o outro; falar em tom mediano, entre outras. Elas são regras-regularidade. As regras-regulamento são as regras gramaticais, ou regras sistêmicas, que não passam de um subconjunto dentro do conjunto das regras interacionais. As regras sistêmicas constituem a última (a décima oitava) regra, ou conjunto de regras³.

³ Para conhecer todas as regras interacionais: Couto, 2021, p. 13.

As regras interacionais são postas em prática no chamado fluxo interlocucional, que consiste na cooperação mútua entre falante (F) e ouvinte (O): enquanto um fala, o outro escuta, e ao ocorrer a tomada de turno F vira O e O vira F, podendo ser representado da seguinte maneira: $F^1 > O^2$; $O^1 < F^2$. O fluxo interlocucional é obrigatório para que se tenha e se mantenha um AIC. Para um exemplo concreto desse fluxo, ver Couto (2020, p. 13).

Conforme já foi afirmado, a base epistemológica da Ecolinguística é o ecossistema, com isso se faz necessário defini-lo no âmbito dessa disciplina. O ecossistema linguístico equivale ao ecossistema da ecologia. Ele é reconhecido facilmente tanto pelos linguistas, como pelos falantes e pela comunidade.

O ecossistema integral da língua é a comunidade, que pode ser observada pelo pesquisador em duas diferentes perspectivas, a saber: a da comunidade de fala e a da comunidade de língua. A comunidade de fala se refere a um ecossistema linguístico concreto e específico e consta de um território (T) específico em que vivem um grupo de pessoas (P) de carne e osso, interagindo por meio de características específicas daquele grupo e local, sua linguagem(L). Seguem as palavras de Couto (2016b, p. 53-54), em que, além de chamar a atenção para diferentes tipos de comunidade de fala, explica a base ecológica desse recorte ecolinguístico:

[...] a comunidade de fala é o ecossistema linguístico por excelência, pois se aproxima mais do ecossistema biológico do que a comunidade de língua, uma vez que é delimitada pelo observador, como no caso da Fazenda, cuja separação das fazendas vizinhas é apenas uma cerca de arame farpado. O linguista ecossistêmico pode delimitar até mesmo o par falante-ouvinte, engajados em um diálogo, como uma comunidade de fala, caso em que seria uma **comunidade de fala mínima**. Ela seria equivalente à célula. Tanto que algumas teorias linguísticas a equiparam à célula, não ao átomo, considerando o diálogo a “célula mínima da comunicação” [...].

Assim, o conceito de comunidade de fala na Ecolinguística, por estar relacionado à Ecologia como base epistemológica, também fornece subsídios para sua metodologia, já que é a partir da comunidade de fala que o ecolinguista fará a delimitação, o recorte e a observação de seu objeto de estudo, lembrando que tal processo está relacionado com o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Para a Ecolinguística, o conceito de comunidade de fala enfatiza o indivíduo, as interações entre indivíduos, como, por exemplo, dentro de uma rede de contato, e o ecossistema em que ocorrem essas interações. Assim, a comunidade de fala, além de ser distinta do conceito sociolinguístico, pode ser distribuída num *continuum*, onde num extremo se encontra a comunidade de fala mínima (o par falante-ouvinte), bem como o de ‘comunidade de fala simples’ (grupos monolíngues ou

monodialetais), enquanto no outro extremo estão respectivamente a comunidade de fala máxima (equivale à comunidade de língua) e a ‘comunidade de fala complexa’ (grupos multilíngues ou multidialetais).

3. Interações e a emergência de marcadores discursivos entre falantes fronteiriços

Alguns dos fenômenos linguísticos encontrados nos dados estão apresentados por meio de exemplos de excertos das transcrições realizadas a partir das falas dos migrantes brasileiros e venezuelanos na região de fronteira estudada. Estes dados estão descritos com base nas referências linguísticas com ênfase no uso dos marcadores discursivos durante o ato de interação.

Podemos dizer que a Ecolinguística – cujas primeiras publicações datam da década de 1970, porém com os primeiros manuais, encontros e publicações sistemáticas ocorrendo somente na década de 1990 – apresenta estágios distintos de desenvolvimento em certas áreas de análise. Neste sentido podemos dizer que os atos de interação comunicativas datam de trabalhos mais recentes, especialmente os desenvolvidos por Couto. Nossa análise está enfatizada nos marcadores discursivos utilizados por falantes de espanhol L1⁴ e o português como L2⁵ e, também, falantes de português L1, com o espanhol como L2, ambos em contexto migratório.

No campo da interação entre falante e ouvinte, existem marcas que são deixadas nas falas durante os atos de interação comunicativa (AIC) e que podem indicar as necessidades ou a intenção dos falantes, como a ocorrência das marcas discursivas. Concordamos com o que afirma Freitag, que denomina “marcadores discursivos” palavras ou expressões “que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (FREITAG, 2007, p. 23). Estamos conscientes também de que essa classe apresenta a variedade terminológica, sendo conhecida como “marcadores conversacionais”, “operadores argumentativos” ou “articuladores textuais” a depender do recorte teórico utilizado. Não nos prenderemos a estes detalhes, mas apenas os consideramos a exemplo do que faz Freitag.

⁴ Espanhol língua 1, considerada a primeira língua do falante quando se tratar de falantes de nacionalidade venezuelana, ou português língua 1, considerada a primeira língua do falante quando se tratar de falantes de nacionalidade brasileira.

⁵ Espanhol língua 2, considerada a segunda língua do falante quando se tratar de falantes de nacionalidade venezuelana, ou português língua 2, considerada a segunda língua do falante quando se tratar de falantes de nacionalidade venezuelana.

Os marcadores discursivos são geralmente classificados em dois tipos, função e colocação, porém tal classificação não é excludente, e eles podem apresentar diferentes funções e, consequentemente, traços de mais de uma classe. No entanto, é a classificação de Macedo & Silva (1996, p. 11-12) que consideraremos nesta análise da função dos marcadores e do uso interativo, a fim de testar a atenção do interlocutor, o que ocorre com: *né?*; *tá?*; *sabe?*; *entendeu?*; *viu?*; *não é mesmo?*. Os marcadores *né?* e *tá?* também desempenham a função de manter e ritmar o turno do falante (VALLE, 2001).

Castilho (2010, p. 229) classifica os marcadores discursivos quanto às funções e à colocação no enunciado. Quanto à função, podem ser iniciais (*ah...; eh...; ahn...*), mediais (*...é...; é claro...; exato...; ...tô entendendo...*) ou finais (*...sabe; ...sabias?; ...entende?; ...não é?; ...tá?; ...né?; ...viu?*). Nos dados coletados, encontramos marcadores comuns no português do Brasil, como *né?*; *entende?*; *sabe?* (ver Tabela 01), entre outros, que são de caráter multifuncional, como se pode ver nos estudos dedicados a eles (VALLE, 2001).

O primeiro bloco de análise refere-se à ocorrência do marcador *né?*. Seguem os exemplos na fala de Mira⁶, que é brasileira e vive em Santa Elena de Uairén, parte venezuelana da fronteira e na fala de Rico, membro da rede que tem o português como L2: “Vane⁷: quanto à língua... qual língua é mais fácil pra você?; logo Mira, que é brasileira e mora do lado venezuelano da fronteira, responde a Vane: “hoje... o castelhano nenhum dos dois... né? que os dois a gente fala mal... nem português... nem castelhano... mas domina um pouco melhor o portu... o castelhano do que o português...”.

Na sequência a pesquisadora pergunta a Rico sobre o tema fechamento da fronteira Brasil-Venezuela: “Rico (L2 português): *é um tema delicado...* Vane: *é um tema delicado?* Rico: *delicado... porque as pessoas... elas não podem ser presas né? praticamente... dentro de um país... mas... éh:: em base do que tá acontecendo aí hoje mundialmente... eu acho que::: fechar seria uma boa opção em questão pra conter né?... éh:: o avanço do:: da doença...*”

Nos exemplos citados Mira (português L1) e Rico (português L2), observando o marcador discursivo *né?*, podemos considerá-lo como uma forma de solicitação de adesão do falante ao ouvinte, o que está em acordo com a regra interacional: “Durante a interação, F e O, de vez em quando, devem sinalizar que estão atentos à interação”, o que ocorre nas interações acima, tanto

⁶ Todos os nomes dos participantes das conversas são fictícios.

⁷ Vane: apelido de infância da pesquisadora, que é brasileira.

por parte de Mira como por parte de Rico quando interpelados por Vane. Na fala de Rico temos duas manifestações desse marcador de forma distinta.

Na fala de Rico é possível perceber a realidade em que essa comunidade de fala vem sendo construída, pois as comunidades de fronteira são criadas a partir das necessidades dos indivíduos, sendo estas geralmente atreladas às demandas nas áreas da alimentação, saúde e educação. As acomodações mútuas que os falantes fazem uns com os outros definem um constante movimento de competição e seleção de processos que resultam em mudanças de todos os tipos (MUFWENE, 2001).

No segundo bloco de análise aparece o marcador *entendeu?* que tem ocorrência frequente em falas tanto de brasileiros como de venezuelanos. O que pode indicar, nesse caso, uma manifestação de segurança, no entanto, por meio de checagem se o ouvinte adere à posição discursiva do falante. Esse marcador quando ocorre nas falas de membros da rede que têm como primeira língua o espanhol, aparece da seguinte forma: na conversa de Vane (L1 português) e Linda (L2 português) “Vane: *você costuma fazer compras na cidade mais próxima do seu país? com que frequência? e que itens você costuma comprar?* Linda: *quando vou pra Venezuela... eu compro mais do que tudo questão de maquiagem... é... produtos de beleza éh:: entendeu? e vou... gosto de ir pra passear e vê lá aquelas cachoera maravilhosas...*”

Vejamos este outro trecho da conversa de Vane e Bel (L2 português). “Vane: *que bom* (frase exclamativa) *você faz compras... costuma usar os produtos da Venezuela... ou vai a Santa Elena fazer compras ou compra aqui na cidade mesmo produtos de lá?* Bel: *no... eu compro tudo daqui... no compro nada de lá* (frase exclamativa) *nada* (frase exclamativa) Vane: *por quê?* Bel: *se estoy aqui voi para frente... no vou para trás... éh:: também para una aprender a conhecer coisas novas... entendio? entón... por exemplo... yo gosto de fazer muitas coisas com flocão de arroz... entendeu? flocão de milho... entón... por exemplo... yo faz unas éh:: são unas pequeña ah... tortilhas... é... hum... eu misturo flocão de milho... yo faço una coiso muito gostoso con queijo... entendeu? pero tudo isto no compro nada de lá...*

Os aspectos que envolvem a língua em relação ao ambiente natural e sócio-histórico são parte dessa relação que muitas vezes está presente no discurso do falante durante a interação. Parece não haver nenhum tipo de resistência ao português como L2 na fala de Bel. Ela utiliza-se do marcador

entendeu? não como checagem se informação, mas como complemento da informação. O que pode ser justificado pela intenção de permanência desta no lado brasileiro da fronteira.

Colocada a questão desta forma, verifica-se que, dependendo da forma como incidem os interesses/necessidades, os discursos ou as representações discursivas dos sujeitos irão também variar, caracterizando as relações, interações e situações de contato linguístico entre povos. De forma mais direta, podemos dizer que a sexta regra interacional prevista na linguística ecossistêmica é aplicada: “Dados da ecologia da interação comunicativa (tudo do espaço-tempo dos interlocutores)”.

Nesse terceiro bloco, o marcador *sabe?* funciona como uma espécie de confirmação do conhecimento do assunto. Esse marcador aparece na fala de Mira, que tem como L1 o português. Esse marcador também ocorre na fala de membro da rede que tem como primeira língua o espanhol, como Linda. Vane durante a interação com Linda pergunta: “Vane: *quanto à língua... qual língua é mais fácil para você?*; Linda: *com certeza é mais fácil o espanhol... né? porque é minha... da:: da minha naturalidade... mas eu te digo sinceramente amo o português... sabe? apesar de que tenho sutaque... mas amo o português e... tipo assim é a cada dia que passa me apaixono mais pelo português...;* Vane: *quanto ao castelhano... você considera que compreende... fala... lê e escreve?* Linda: *sim muito bem... espanhol pra mim é uma língua que eu domino bem... sabe? tipo pronuncio... escrevo... entendo... claramente consigo passar muito bem isso... sabe?”*

Podemos notar durante essa interação de Linda, que tem o português como L2, que ela faz uma tentativa de adaptação mútua: “O falante deve expressar-se como acha que o ouvinte entenderá e o ouvinte interpretará o que o falante disse como acha que é o que ele quis dizer”, regra interacional importante dentro da situação em que ambos os falantes estão imersos.

A crise migratória acelerada propicia a aceleração da ocorrência de variação e mudança linguística na fronteira. Haja vista que os fenômenos linguísticos ocorrem quando dois povos se encontram e mantêm inter-relações entre as culturas, entre as línguas e dividem o mesmo ambiente natural. Calvet (2016, p. 363) afirma que “quanto mais uma língua se expande em um vasto território, mais ela tende a tomar formas locais” e, segundo o mesmo autor, essas línguas variam em função das condições ecológicas. “Conquanto as formas linguísticas não mudam tão rapidamente como as culturais, é indubitável que uma velocidade fora do comum na mudança cultural se faz acompanhar de uma aceleração na mudança linguística” (SAPIR, 2016, p. 54). De acordo com Sapir,

dependendo do número de pessoas em interações densas, pode haver a imposição de uma língua ou sua manutenção.

No quarto bloco de análise dos marcadores, tanto o falante que tem o português como L1 quanto o que o tem como L2 fazem uso dos marcadores como estratégias para certificar-se da atenção do ouvinte, ou para pedir sua concordância, além de manter aberto o canal comunicativo, ou para manter o ritmo do turno de fala. Urbano (1997, p. 85-86) afirma que os marcadores “(...) ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando não só como articuladores de suas unidades cognitivo-informativas, mas também de seus interlocutores, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos de sua produção”.

De certa forma, quando a interação está em andamento, o falante (F) se utiliza dos marcadores discursivos para verificar diferentes características do ouvinte (O), como se O está atento, acompanhando, se concorda ou não, aprova ou não, se está contente ou interessado na interação, se está realmente ouvindo, se quer dar continuidade à conversa, se quer mudar de assunto, se partilha das mesmas crenças, entre outras. Esta última característica que listamos é com o intuito de inserir no conjunto de marcadores discursivos o *amém*, que se destacou dos demais por aparecer com alta frequência somente em alguns falantes (sendo somente um deles religioso) e, por não ter sido abordado nas investigações tradicionais sobre esse tema.

Durante a interação entre Vane e Linda – esta última tem o português como L2, e vive do lado brasileiro da fronteira –, podemos perceber o uso do *amém* como uma espécie de marcador: “Vane: *agora considerando que terminamos a entrevista... eu gostaria que você me dissesse em que língua você respondeu a esta entrevista e... por que você respondeu na referida língua?*; Linda: *respondi em português a maioria das perguntas porque é o idioma em que eu estou tendo agora que conviver... né? e me sinto à vontade e:: também me sinto segura com ele... apesar de que tenho o sotaque... mas amo português e tipo foi o que eu achei mais conveniente aqui pra essa entrevista...; Linda: muito obrigada... amém?...”*

Na Linguística Ecológica, os marcadores discursivos podem ser encarados como adaptações durante os AICs, para verificar as condições existentes das regras interacionais e manter o fluxo interlocucional. Isso aponta para a importância e o caráter predominantemente interacional dessa classe, com a interação influenciando o sistema, que, conforme discutimos anteriormente, trata-se de apenas um dos componentes das regras interacionais.

Consideramos *amém* como marcador discursivo, pois, além de preencher as funções e as posições citadas, que são típicas dessa classe, ele é conspícuo por se tratar de F procurando a concordância e a aprovação de O, bem como verificando se O compartilha de sua crença, que está relacionada ao cristianismo, enquanto as demais características e os marcadores – já pesquisados na literatura linguística sobre o assunto – são reconhecidos, apresentando as funções que listamos anteriormente e tendo uma função fundamental no AIC, a de manter a interação e o fluxo interlocucional, como afirmamos, e, conseqüentemente, a comunhão entre F e O.

Já no recorte da interação do Vane e Mira, ambas têm o português como L1, temos outro bom exemplo de uso do *amém*: Vane: *você tem família na cidade vizinha... ou na cidade mais próxima*; Mira: *a cidade vizinha seria Boa Vista... né? tenho sim... tenho minha mãe (...) minhas irmã... tenho família que vive em Boa Vista... amém?*; Vane: *qual sua comida favorita?*; Mira: *cachapa com porco... cachapa é um pão... é venezolano... uma... tipo uma panqueca de milho natural e... essa comida tradicional da Venezuela... amo a cachapa... amo o milho... bom... amém?*

Acrescentemos ao que já foi dito sobre *amém* o que Mira no ato de interação diz como despedida ao final da conversa. *Que Deus abençoe* no início do encerramento de seu turno de fala, cumprindo, assim, o AIC de despedida polida, e, em seguida, encerra seu turno com o *amém*. Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 196) afirma que, em árabe, as bênçãos de saudação muitas vezes fazem parte das “sequências de abertura e fechamento e aparecem ao lado de outras fórmulas que fazem referência a Deus”. Esse discurso impregnado de cultura indica um lugar social de interação entre ambos os falantes, ou seja, esse fechamento é reconhecido e aceito em função do ambiente de interação.

A seguir, apresentamos a Tabela 01, com os principais marcadores que ocorreram nas falas dos membros da rede.

Tabela 01: A presença de marcadores discursivos na fala dos membros da rede

Nome	Nacionalidade	Tempo de residência	Onde vive	Ocorrência			
				Né	Entendeu	Sabe	Amém
Mira	Brasileira	43 anos	Santa elena de Uairén (VEN)	19	0	0	11
Rico	Venezuelana	5 anos	Boa Vista (BRA)	18	0	0	0
Linda	Venezuelana	2 anos	Boa Vista (BRA)	7	6	8	1

Bel	Venezuelana	3 anos	Boa Vista (BRA)	1	5	6	0
-----	-------------	--------	--------------------	---	---	---	---

Fonte: SILVA, Maria Ivone Alves, 2021.

Observemos que o *amém* não ocorre de forma padrão na fala de todos os membros da rede de contato, mas no discurso de duas falantes, sendo uma brasileira e uma venezuelana. O curioso é que a brasileira vive no lado venezuelano da fronteira e a venezuelana vive no lado brasileiro; ambas utilizam o *amém* com o mesmo sentido discursivo. De certa forma, este uso pode indicar que existe a presença do *amém* como marcador em ambos os lados da fronteira, ou melhor na região de fronteira. De forma mais específica, no grupo pesquisado, poderíamos dizer ainda que pode ser um elemento que indica uma característica de uma comunidade discursiva.

Considerações finais

A partir do que foi exposto acima, percebe-se que os elementos do ecossistema fundamental da língua, a saber, o povo (P), o território (T) e a língua (L), estão envolvidos com o contato de línguas, bem como os três ecossistemas da língua: o natural, o mental e o social.

As situações de contato interlinguístico sinalizam posicionamentos discursivos entre povos e línguas. Os posicionamentos discursivos que surgem em função dos contatos que ocorrem entre povos fronteiriços PL1 e PL2 são, de certa forma, influenciados por um conjunto de fatores considerados facilitadores ou inibidores das interações linguísticas que podem existir na região.

De maneira mais específica, na fala desses povos dentro da rede de contato existente na fronteira Brasil-Venezuela, encontramos o uso dos marcadores de forma idêntica ao uso em outros ambientes ecolinguísticos já vistos em estudos em outras áreas da linguagem e em outras situações fronteiriças, mas também foi possível encontrar aspectos específicos do uso de marcadores que caracterizam a especificidade ao menos do grupo estudado.

No que diz respeito exclusivamente ao uso dos marcadores emergidos nas interações realizadas por falantes da fronteira, podemos perceber que o pensamento da língua como uma espécie (conceito de língua para a Linguística Ecossistêmica é de ‘interação’), que permeia a Ecolinguística, traz em si a ideia de competição e seleção que surgem a partir do sistema comunicativo disponível por falantes em ambas as acomodações, o que fazem em relação ao outro e os ajustes nos seus atos de fala (MUFWENE, 2001).

Referências

ALBUQUERQUE, Davi Borges. A perspectiva da interação e do pluricentrismo na teoria Ecolinguística. *Versalete*, v. 8, p. 10-34, 2020.

BOADA, Albert Bastardas. Diversidade, contato e ecologia linguística: Uma aproximação a partir da complexidade sociocognitiva. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 2, p. 05-20, 2015.

CALVET, L-J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. (Trad. de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. Quels fondements pour une écologie des langues? *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 54, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9687>>. Acesso em: 20 out. 2019.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTO H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Ecologia das relações espaciais - as preposições do crioulo guineense. *Papia* v. 17, p. 80-111, 2009a.

_____. *Linguística, ecologia, Ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009b.

_____. *Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai*. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). *Contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 369-395.

_____. O que vem a ser Ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade* v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

_____. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)* v. 2, n. 2, p. 49-72, 2016a.

_____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. et al. (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016b. p. 209-262.

_____. Análise do Discurso Ecossistêmica –ADE. *Árboles y rizomas* v. II, n. 2, 2020, p. 1-14. DOI: <https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>

FREITAG, R. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! *Revista Interdisciplinar (UFS)*, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.

GUISAN, P. F. Língua: a ambiguidade do conceito. In: SAVEDRA, M.M.G.; SALGADO, A.C.P. (org.). *Sociolingüística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 17-27.

GUMPERZ, J. J. *Language in social groups*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Os atos de linguagem no discurso. Niterói: EdUFF, 2005. 220p.

MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais In: _____; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

MUFWENE, Salikoko S. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: University Press. 2001.

MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Oxford: Brasil Blackwell, 1986.

_____. *Language of Environment: Environment of Language*. London: Battlebridge Publications, 2003.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo. Os contatos linguísticos e o Brasil – Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: _____; _____; _____. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, p. 54, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9904>>. Acesso em: 10 out. 2016.

SILVA, Maria Ivone A. *O “ethos” em “la línea” de fronteira Brasil/ Venezuela: ambiente ecolinguístico e redes sociais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____; GUIBAN, P. F. Dos contatos iniciais ao bom da migração venezuelana: aspectos linguísticos. *Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad* 5 (3), p. 120-128, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.17561/riai.v5.n3.11>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

_____; Maria Ivone A. *Redes de contato de povos e línguas na Amazônia no contexto migratório venezuelano*. 2021. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 81-101.

VALLE, Carla Regina Martins. *Sabe? ~ Não Tem? ~ Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

Aceito em 12/07/2022.